

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE TRADUTOR DE TORQUATO TASSO

NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA Bocage frequentou, na sua terra natal, a então vila de Setúbal, a escola oficial. Teve uma formação predominantemente humanística, como era comum na época. Dela fazia parte o estudo da língua e cultura portuguesas, do latim e do francês, conhecimentos por ele judiciosamente aplicados no seu labor literário.

As primícias no domínio das letras de Bocage, ao que parece, circunscreveram-se à composição de poesia lírica. Mais tarde, cultivou praticamente todos os géneros poéticos da época – o epicédio, o elogio, a elegia, a canção, o idílio, a endecha, a cantata, a cantiga, entre outros –, fazendo igualmente incursões pelo drama. Estamos em presença de uma obra que, apesar da brevidade da vida do seu autor – faleceu aos 40 anos –, se espraia por 7 volumes. Referimo-nos aos seis volumes que a tradição assinala e àquele que contempla a poesia erótica, burlesca e satírica, da responsabilidade de Inocêncio Francisco da Silva, dados à estampa, respectivamente, em 1853 e 1854.

Menos conhecida é uma outra vertente da sua actividade de escritor: a tradução. Trilhou este caminho pedregoso esporadicamente no início da sua carreira; com frequência, depois de ser libertado da reclusão que lhe foi infligida por alegadamente subscrever textos ímpios, a qual teve lugar nos anos de 1797 e 1798. À sua lavra pertencem versões dos clássicos greco-latinos, bem como de escritores italianos, france-

ses, ingleses e espanhóis: Ovídio, Virgílio, Moscho, Museu, La Fontaine, Racine, Voltaire, Castel, Metastásio e Tasso, entre outros.

A poesia épica foi fonte de inspiração para Bocage no final da sua existência, tal como para os escritores do Romantismo, corrente literária que a sua obra abertamente prenuncia. Com efeito, há notícia de que iniciou a composição de algumas epopeias, as quais, por não atingirem a qualidade que o seu grau de exigência impunha, num acesso de turbulência, foram por ele destruídas. Delas restaram excertos breves que Nuno Álvares de Pato Moniz deu a conhecer em *Verdadeiras inéditas, Obras poéticas de [...]*, tomos IV e V (1813-1814), publicação póstuma que constitui uma resposta inequívoca a uma edição descuidada e incorrecta, feita com objectivos economicistas, da autoria de Desidério Marques Leão, livreiro de Lisboa, intitulada *Obras poéticas de M. M. de Barbosa du Bocage* (1812-1813).

O seu interesse pela poesia épica revelou-se igualmente quando optou por traduzir excertos de duas composições – *La Colombiade e Gerusalemme Liberata*. A decisão de verter a primeira para o português – um elogio eloquente a Cristóvão Colombo – encerra motivos de carácter literário e afectivos, porquanto foi composta pela sua tia-avó, Madame du Bocage. Constitui, por outro lado, uma homenagem a esta cultora das letras, interlocutora epistolar de Voltaire, o intelectual comumente apontado como o principal catalisador da filosofia do Iluminismo. A afectividade também terá estado presente na eleição de Torquato Tasso e da sua obra: as afinidades electivas entre ambos são evidentes – o génio poético, uma vida atribulada e a vivência do cárcere.

A tradução dos cantos IX e XX da epopeia *Gerusalemme Liberata* data sensivelmente de 1803 e foi publicada no ano seguinte em *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, obra dedicada à Marquesa de Alorna que é vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*.

A empatia inequívoca de Bocage está igualmente patente em vários poemas seus, os quais são enriquecidos por epígrafes retiradas da obra do poeta italiano. Evoquemo-las:

- No idílio *Mágoas amorosas de Elmano* (1805): «Oh fortunati miei dolci martiri, / s'impetrerò che, giunto seno a seno, / l'anima mia nella tua bocca io spiri!» (de *Gerusalemme Liberata*, canto II);

- Na epístola *Elmano a Gertrúria* (1791): «Pasce l'agna l'erbette, il lupo l'agne, / ma il crudo Amor di lagrime si pasce.» (de *Aminta*);

- No epicédio *A Olinta* (1794): «Colei di gioia trasmutossi, e rise, / e in atto di morir lieto, e vivace / dir pareva: s'apre il Cielo, io vado in pace» (de *Gerusalemme Liberata*);

- Num poema dedicado à Marquesa de Alorna (1804): «À Cantora imortal, Deusa da lira»: «Queste mie carte in lieta fronte accogli / che quasi in voto a te sacrate io porto» (de *Gerusalemme Liberata*);

Numa nota ao elogio a António José de Paula, é citado um verso da *Gerusalemme Liberata*: «[...] pare / che guerra porte, e non tributo al mare.»

Precederam Bocage, em Portugal, na tradução da *Gerusalemme Liberata* dois autores: António Rodrigues de Matos (1682) e Pedro de Azevedo Tojal, que assinou duas edições, datadas de 1733 e de 1738.

Bocage não tinha um conhecimento profundo da língua italiana. Terá optado portanto por uma edição francesa, língua que dominava com mestria, fazendo jus às suas origens, pois era neto de um oficial da marinha francês, oriundo da Normandia, Gilles Hedois du Bocage. Poderá ter utilizado aquela que foi publicada, no ano de 1780, em Rouen, cidade natal da célebre poetisa e tradutora de Milton, Madame du Bocage. Terá a tia-avó contemplado o jovem poeta com um exemplar da obra de Tasso e, eventualmente, com a sua obra

La Colombiade, que ele traduziu parcialmente na sequência do seu falecimento? Eis uma hipótese credível, reforçada pelo seguinte excerto do prefácio de *As Plantas* de Richard Castel, poema didático traduzido pelo escritor setubalense em 1801:

Versos balbuciei co'a voz da infância;
vate nasci, fui Vate, inda na quadra
em que o rosto viril, macio e tenro,
semelha o mimo de virgínea face.

Daniel Pires

Segue il buon genitor l'incauto
 stuolo
 de' cinque, e Solimano assale e cinge;
 e in un sol punto un sol consiglio, e
 un solo
 spirito quasi, sei lunghe aste spinge.
 Ma troppo audace il suo maggior
 figliuolo
 l'asta abbandona e con quel fer si
 stringe,
 e tenta in van con la pungente spada
 che sotto il corridor morto gli cada.

Ma come a le procelle esposto
 monte,
 che percosso da i flutti al mar sovraste,
 sostien fermo in se stesso i tuoni e
 l'onte
 del ciel irato e i venti e l'onde vaste,
 cosí il fero Soldan l'audace fronte
 tien salda incontra a i ferri e incontra
 a l'aste,
 ed a colui che il suo destrier percote
 tra i cigli parte il capo e tra le gote.

*Seguem o pai sublime os cinco
 incautos,
 o enorme Solimão salteiam, cingem,
 e num só ponto um só arbitrio,
 e quase
 um espírito só, seis lanças vibra.
 Mas, cegamente afoito, o de mais
 anos
 sacode a sua ao chão, co' Turco
 cerra,
 e tenta em vão co'a penetrante espada
 derribar-lhe sem vida o grão ginete.*

*Porém, qual monte exposto às
 tempestades,
 qual monte sobranceiro ao mar que o
 fere,
 suporta, firme em si, trovões, e raios,
 os indignados Céus, ondas, e ventos:
 assim o audaz Soldão a altiva fronte
 tem fixa contra os ferros, contra as
 hastes,
 e àquele que o ginete lhe golpeia,
 entre as faces, e os olhos fende o rosto.*

Aramante al fratel che giú ruina
 porge pietoso il braccio, e lo
 sostiene.
 Vana e folle pietà! ch'a la ruina
 altrui la sua medesima a giunger viene,
 ché 'l pagan su quel braccio il ferro
 inchina
 ed atterra con lui chi lui s'attiene.
 Caggiono entrambi, e l'un su l'altro
 langue
 mescolando i sospiri ultimi e 'l
 sangue.

Quinci egli di Sabin l'asta recisa,
 onde il fanciullo di lontan l'infesta,
 gli urta il cavallo addosso e 'l coglie in
 guisa
 che giú tremante il batte, indi il
 calpesta.
 Dal giovenetto corpo uscì divisa
 con gran contrasto l'alma, e lasciò
 mesta
 l'aure soavi de la vita e i giorni
 de la tenera età lieti ed adorni.

Rimanean vivi ancor Pico e Laurente,
 onde arricchi un sol parto il genitore:
 similissima coppia e che sovente
 esser solea cagion di dolce errore.
 Ma se lei fe' natura indifferente,
 differente or la fa l'ostil furore:
 dura distinzion ch'a l'un divide
 dal busto il collo, a l'altro il petto
 incide.

*Aramante ao irmão, que vai caindo,
 piedoso estende o braço em que o
 sustenta:
 piedade louca, e vã, que ao dano alheio
 une tragicamente o próprio dano.
 O Pagão contra o braço o ferro
 inclina,
 E o que a ele se atém com ele aterra:
 Caem ambos, um sobre outro
 desfalecem,
 E misturam, morrendo, os ais, e o
 sangue.*

*Eis, de Sabino a lança espedaçando,
 com que o moço gentil de longe o infesta,
 lhe arremessa o cavalo, e de arte o
 colhe,
 que por terra, tremendo, o deita,
 o pisa.
 Do delicado corpo adolescente
 sai a alma a grande custo, e deixa
 riste
 da vida as auras plácidas, os dias
 ledos, e ornados de mimosa idade.*

*Vivos Pico e Laurente inda restavam,
 com que um só parto os pais enriquecera,
 par florecente, igual, que tantas vezes
 origem fora de suave engano!
 mas se os fez Natureza indistinguíveis,
 já dif'rentes os faz a hostil braveza:
 Oh dura distinção! Em um divide
 do busto o colo, ao outro o peito
 rasga.*